

TRAÇANDO PERCURSOS PARA O APRENDIZADO: A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DAS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID-EF¹

Ronny Dantas da Silva²
Camila Monteiro de Oliveira³
Kaio Fernando Cândido da Silva⁴
Camila Naya Lucena Souza⁵
Maria Aparecida Dias⁶

RESUMO

O presente trabalho descreve e propõe reflexões acerca das experiências de alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Educação Física, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Natal/RN. De caráter descritivo e abordagem qualitativa, o texto ressalta aspirações e dificuldades encontradas na proposição da Corrida de Orientação adaptada para o ambiente escolar como uma temática capaz de contribuir com o desenvolvimento das múltiplas inteligências explicitadas por Gardner. No texto também é evidenciada a escassez de estudos sobre o esporte de aventura no contexto da Educação Física Escolar e a utilização da gamificação através da plataforma Kahoot enquanto ferramenta pedagógica para o ensino da Corrida de Orientação.

Palavras-chave: Corrida de Orientação, Educação Física Escolar, PIBID, Esportes de aventura, Gamificação.

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê que os estudantes do 6º e 7º ano devem vivenciar práticas corporais de aventura de maneira a experimentá-las, identificar seus riscos e superá-los, encontrar alternativas que viabilizem essas práticas em espaços diferentes, podendo, inclusive, recriá-las (BRASIL, 2018). Entre essas práticas, os pibidianos⁷ do subprojeto PIBID Educação Física, em conjunto com a supervisora, planejaram o bimestre de

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Graduando do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ronny.silva.017@ufrn.edu.br;

³ Graduanda do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, camila.monteiro.151@ufrn.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, kaio.candido.123@ufrn.edu.br;

⁵ Supervisora do subprojeto PIBID EF na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, camilalucena9595@gmail.com;

⁶ Coordenadora do subprojeto PIBID EF na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, cidaufrn@gmail.com.

⁷ Termo usado para se referir aos alunos que participam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID.

uma turma do 7º ano da Escola Estadual Castro Alves incluindo as vivências de parkour, slackline, escalada, trilha em um parque da cidade e corrida de orientação, sendo esta o foco do presente relato de experiência.

A necessidade de orientação geográfica sempre fez parte da vida humana, em maior ou menor grau, dada a necessidade de se deslocar, seja para encontrar uma fonte de água e retornar para o seu abrigo, seja para chegar até o local de uma festa. Para cumprir com esse objetivo, a humanidade já desenvolveu diversas técnicas, como a orientação por meio de fenômenos naturais como o sol, instrumentos como a bússola⁸, representações cartográficas e Sistema de Posicionamento Global (GPS) (PEREIRA, 2014). Observando o potencial da temática no desenvolvimento global do aluno, bem como o fato de não ser um esporte homogêneo, foram escolhidas duas aulas sobre Corrida de Orientação para compartilhar neste trabalho.

O Esporte de Orientação, Corrida de Orientação⁹ ou Orientação é um esporte cujo objetivo é percorrer um caminho desconhecido com a ajuda de um mapa e uma bússola a fim de encontrar os Pontos de Controle¹⁰ previamente determinados e sinalizados no mapa no menor tempo possível. A Orientação enquanto um esporte começou a ser praticado em 1850 por militares escandinavos como forma de entretenimento e a partir de 1904 a prática foi expandida para civis. Posteriormente, em 1974 o desporto começou a compor a grade curricular obrigatória na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e 1980 da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) como disciplina temporária. A partir disso, houve a popularização da CO através de competições, divulgação do professor de Educação Física Leduc Fauth, Ulf Levin e Gorän Öhlund pelas principais capitais do país e o surgimento dos Clubes de Orientação (ARRUDA; RODRIGUES, 2020). Existindo, atualmente, a Confederação Brasileira de Orientação e a International Orienteering Federation.

Na perspectiva escolar, o Esporte Orientação pode estimular as múltiplas inteligências que compõem as oito inteligências de Gardner (OLIVEIRA, MEDALHA, 2011), como: linguística, lógica, espacial, cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista, não contemplando inicialmente apenas a inteligência musical, que também poderia ser incluída mediante adaptações da prática, como observação e reprodução do canto dos pássaros e/ou outros animais presentes no percurso.

⁸ A bússola, além do mapa, é o principal instrumento utilizado na corrida orientação.

⁹ A Corrida de Orientação tem por abreviação “CO”.

¹⁰ Pontos de Controle (ou PCs) são locais que constituem a corrida de orientação. Os participantes precisam seguir e chegar nesses PCs durante o percurso.

Através das percepções subjetivas dos autores, pudemos perceber a carência de trabalhos e proposições pedagógicas para o ensino dos esportes de aventura na EF escolar, assim como a importância do planejamento metodológico na prática docente. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de pibidianos ao abordarem a CO como uma temática capaz de contribuir com o desenvolvimento das múltiplas inteligências na Educação Física escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo é um relato de experiência descritivo com abordagem qualitativa (HAGUETE, 1997) que busca compartilhar a experiência de duas aulas planejadas e ministradas por pibidianos de Educação Física sobre a temática “Corrida de Orientação”. De fato, o Método é:

O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 83)

A partir de tal conceito, a experiência que está sendo relatada foi baseada em dois momentos metodológicos. O primeiro momento se fundamentou na pesquisa bibliográfica da Corrida de Orientação para conhecer o esporte e seus desdobramentos na EF de maneira mais aprofundada. Para isso, foram utilizados artigos que continham a CO e Educação Física escolar. No segundo momento foi elaborada uma sequência lógica de planejamento, organização e execução de duas aulas para alunos do 7º ano da Escola Estadual Castro Alves, localizada em Natal/RN.

As aulas foram adaptadas à realidade vivida na escola, considerando sua estrutura e materiais disponíveis. Tanto o planejamento como a organização levaram em conta esses fatores, para uma melhor experiência da Corrida de Orientação. Durante a execução, o número de alunos e o espaço disponível foram considerados para garantir uma experiência mais inclusiva.

Por fim, foi realizada uma análise qualitativa das aulas desenvolvidas com base nas anotações e observações subjetivas apreendidas ao longo da aplicação, além do próprio relato dos alunos na roda de conversa final, de maneira que fosse possível notar se houve o desenvolvimento das múltiplas inteligências na Educação Física escolar.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) permite que alunos de licenciatura possam fruir do ensino, pesquisa e extensão da prática docente, promovendo encontros formativos e contato direto com professores que vivenciam o dia a dia do ensino nas redes municipal e estadual. Atualmente o PIBID da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no subprojeto de Educação Física (PIBID EF) conta com vinte e cinco alunos cadastrados, entre bolsistas e voluntários, além de três supervisoras que atuam nas escolas públicas do município de Natal/RN. Em um dos encontros com a supervisora da Escola Estadual Castro Alves, planejamos os conteúdos a serem abordados no 3º bimestre na turma do 7º ano do Ensino Fundamental, turma que foi escolhida pelos autores, entre outros fatores, pela disponibilidade de horário dos bolsistas no segundo semestre de 2023, estando a Corrida de Orientação presente nas práticas de aventura planejadas pelos pibidianos em consonância com a supervisora.

De início pareceu desafiador trabalhar a orientação na escola, que não conta com uma boa estrutura para as aulas de EF, visto que não há quadra esportiva e os ambientes disponíveis para a realização da prática se resumiam aos corredores, um pátio descoberto que contém duas traves de futebol, um espaço arborizado onde fica uma estátua de uma santa católica e um pequeno auditório onde são guardados materiais (cadeiras, tatames, etc) e que é usado na maioria das aulas práticas de EF na turma do 7º ano, por ser um espaço coberto. Além das dificuldades encontradas com relação ao espaço físico, o pouco conhecimento sobre a temática trouxe aos professores certo receio, pois apesar de estarem entre o 4º e 6º período do curso de licenciatura, ainda não experienciaram esse esporte de aventura. Os pibidianos então se dedicaram a pesquisar o tema na literatura e sua aplicabilidade na Educação Física escolar.

Os bolsistas planejaram e aplicaram a temática em questão nas duas aulas seguidas com a turma, iniciando com uma conversa guiada onde os professores fizeram questionamentos aos alunos sobre a orientação e alguns alunos demonstraram conhecimento da prática, porém, como dito pelos próprios alunos, enquanto “caça ao tesouro”. Os professores, então, esclareceram as diferenças do esporte para a brincadeira, assim como apresentaram os principais conceitos da CO. No segundo momento da aula, foi proposto a divisão de grupos em números iguais de alunos. Vale ressaltar que apesar da turma ter 30 discentes matriculados, não houve durante as aulas completude de alunos em concordância com a chamada, estando em média 15 alunos por dia na sala. Na dinâmica do segundo momento a divisão dos grupos foi feita pelos próprios alunos e por afinidade, e durante a

explicação da dinâmica haviam pequenas aglomerações dos grupos que precisavam ser contidas pelos professores para explicação da atividade.

Os professores orientaram à criação de um mapa da escola feito pelos próprios alunos, em que cada grupo se incumbiu de retratar as estruturas da escola desde a entrada, se valendo das suas habilidades motoras finas, interpessoais, de conhecimento espacial e lógica (OLIVEIRA, MEDALHA, 2011). Após cada grupo desenhar o mapa, foram orientados a marcar três Pontos de controle distintos no mapa numerados de 1 a 3 e escrever mais duas dicas que levassem para outros dois PCs (totalizando 5 Pontos de Controle) antes que fosse dada a próxima etapa, para que os alunos não escolhessem os PCs pensando em dificultar demais para um outro grupo. As dicas tinham características físicas do próximo Ponto de Controle ou de acordo com a funcionalidade do objeto/ambiente. Assim que os grupos terminaram seus mapas e suas dicas, os professores explicaram como seria a segunda parte da dinâmica. O primeiro grupo a terminar o mapa foi orientado a usá-lo como guia e assim esconder alguns objetos pessoais (caneta, estojo, entre outros) nos PCs escolhidos inicialmente. Porém, os pibidianos perceberam que havia grande possibilidade de imprevistos na atividade se os alunos escondessem objetos pessoais na escola, visto que haviam alunos de outras turmas fora das salas, então os professores adaptaram os objetos para pequenos pedaços de papel com numerações e a partir do terceiro PC o grupo escondeu as respectivas dicas. Assim que o grupo 1 terminou, os professores orientaram o grupo 2 usar o mapa feito pelo Grupo 1 e achar os objetos nos pontos de controle no tempo máximo de 5 minutos, visto que não haviam muitos ambientes na escola. Houveram 4 grupos no total e, como exemplificado na Figura 1, a cada rodada dois grupos jogavam, um grupo procurando os objetos e o outro utilizando os termos “quente” e “frio” para auxiliar na busca.

Figura 1 - Prática da primeira atividade da CO na escola

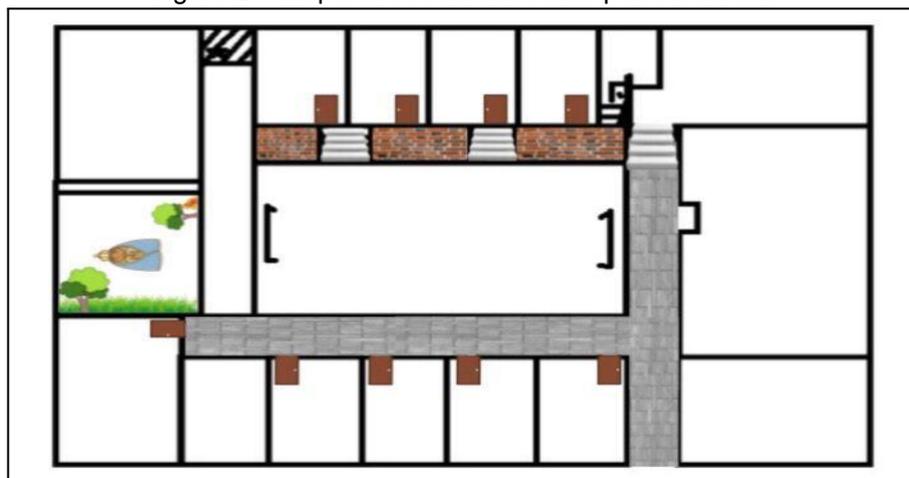


Fonte: autoria

Enquanto esses dois grupos estavam envolvidos na atividade prática, os dois grupos que aguardavam na sala de aula participavam de um jogo da forca com palavras relacionadas ao esporte de orientação. Ficou combinado que cada palavra certa valeria 0,5 ponto para o grupo. Depois, a pontuação obtida na forca seria somada à pontuação da Corrida de Orientação para compor o ranking, onde o primeiro grupo a encontrar todos os PCs no menor tempo receberia 5 pontos, o segundo ficaria com 3 pontos, o terceiro com 2 e o quarto com 1. Apesar do tempo planejado pelos pibidianos para a realização das atividades, houveram algumas interrupções na aula por fatores externos, o que contribuiu para que dois grupos não conseguissem fazer a atividade por causa do horário, havendo necessidade de continuarmos a dinâmica nas aulas da outra semana.

Após essa atividade com os grupos, os professores elaboraram um mapa da escola no aplicativo Paint (Figura 2), representando majoritariamente a estrutura da escola, com salas e escadas, e fizeram uma cópia para cada grupo.

Figura 2 - Mapa da escola elaborado pelos bolsistas



Fonte: autoria

Os grupos da atividade anterior permaneceram nessa atividade, agora definidos por cores, a saber, amarelo, verde, azul e rosa. Como exposto na Figura 3, os professores adicionaram quatro PCs nos mapas, em ordens diferentes, para que nenhum grupo estivesse no mesmo ambiente durante a Orientação.

Figura 3 - Marcação dos PCs nos mapa



Fonte: autoria

Para marcação dos pontos de controle no ambiente, os professores utilizaram post-its coloridos. Em alguns PCs os post-its ficaram próximos um do outro, e em outros ambientes eles ficaram em lugares distintos, o que aumentou a dificuldade da CO. Cada grupo recebeu um mapa marcado e com a cor que eles precisariam procurar descrita no mapa. O ponto de partida, marcado por um triângulo no mapa, se dava na entrada da escola e o ponto de chegada, marcado por um círculo concêntrico, era na sala de aula. Ao fim desse momento, os professores realizaram uma atividade na plataforma Kahoot, onde foi possível reforçar os conceitos abordados nas aulas de forma divertida. A atividade continha 11 questões objetivas e se dividiu da seguinte forma: “O que é corrida de orientação?; Qual é o principal instrumento usado na corrida de orientação?; Qual é o objetivo da corrida de orientação?; O que são Pontos de Controle em uma corrida de orientação?; A que se assemelha a corrida de orientação?; Qual é a vantagem de trabalhar em equipe na corrida de orientação?; Qual é a importância de respeitar a natureza durante a corrida de orientação?; Além da orientação, que outras habilidades são importantes para os corredores? Na corrida de orientação, os Pontos de Controle são escolhidos aleatoriamente durante a corrida. Verdadeiro ou falso?”. No último momento da aula, foi aberto um espaço para os alunos comentarem o que acharam das aulas e das dinâmicas, o que eles aprenderam sobre a corrida de orientação e sugerir possíveis alterações nas atividades realizadas com a turma.

DISCUSSÃO

Iniciamos essa discussão destacando a importância da pesquisa na prática docente. Influenciados pelo pensamento do Patrono da Educação Brasileira Paulo Freire, entendemos que não há ensino sem pesquisa.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para

conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 16)

Reiteramos a necessidade do planejamento metodológico, pois através dele conseguimos organizar cada momento das aulas desde a parte teórica à prática, o que deu coerência ao conteúdo abordado. Em diversos momentos durante as dinâmicas os professores precisaram fazer adaptações para que a aula ocorresse dentro do planejado e as atividades abarcassem todos os alunos da turma. Consideramos como exemplo dessas adaptações a mudança dos objetos pessoais que seriam deixados nos PCs para papéis numerados, a realização da CO sem a bússola e a adaptação na última atividade, que foi realizada no Kahoot. Planejamos inicialmente que a atividade seria projetada na parede da sala, mas o projetor, de um modelo bastante antigo, não se conectava à internet, e por causa disso precisamos que cada aluno que tivesse internet no celular entrasse no quiz. Como grande parte dos alunos não tinham acesso à internet pelo celular ou até mesmo um celular, a atividade foi realizada apenas em um aparelho por cada grupo (Figura 4), e um dos grupos precisou responder o quiz no celular de um dos professores, o que levanta a discussão da necessidade de uma mínima estrutura e investimento nas salas de aula da rede pública de ensino, que carece de itens básicos para que as aulas sejam realizadas de forma satisfatória.

Figura 4 - Quiz no Kahoot sobre conceitos da CO



Fonte: autoria

No contexto da EF escolar, a Escola Estadual Castro Alves, por não ter espaços dedicados às práticas corporais que vão desde esportivas à lúdicas, torna desafiador o ensino do esporte, da dança, dos jogos e brincadeiras, entre outras práticas importantes para a formação do aluno enquanto indivíduo que influencia e é influenciado pelo ambiente que o cerca. E quando fazemos o recorte do ponto de vista tecnológico, vemos o atraso que as redes públicas de ensino enfrentam, com falta de internet, recursos tecnológicos ultrapassados e

carência de formação continuada voltadas ao uso de recursos tecnológicos de viés pedagógico.

Apesar dos contratempos e desafios encontrados pelos pibidianos e que permeiam o cotidiano do professor de escola pública, consideramos satisfatória a participação e empenho dos alunos nas explicações e execução das atividades propostas pelos professores do PIBID. Ao abrirmos espaço para que o aluno pudesse expor seus prévios conhecimentos, tanto do conteúdo a ser abordado, quanto das noções subjetivas do ambiente escolar, ambiente esse que permeia toda a infância e adolescência do aluno e que influencia no seu desenvolvimento e construção de identidade, visamos tornar o aluno centro do processo de aprendizado, reconhecendo-o como indivíduo repleto de saberes e leituras de mundo, fugindo assim da concepção bancária de educação e promovendo a construção do conhecimento, construção essa que só se dá através da dialogicidade.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1974, p. 45)

Através das dinâmicas planejadas pelos professores, os alunos puderam fruir da CO adaptada, trabalhando a noção espacial, reconhecimento de padrões e a capacidade de interação em grupo, esta sendo importante na concepção de inteligência interpessoal explicitada por Gardner (OLIVEIRA, MEDALHA, 2011). Outro ponto observado pelos professores foi que, mesmo que não houvesse uma bússola na CO, os alunos utilizaram a escultura da santa como um “norte” no mapa, se guiando toda vez que precisavam se deslocar para outro PC, o que demonstra a necessidade do ser humano de se orientar evidenciada por Pereira (2014). Por fim, a proposta de gamificação destacada por Junior (2014) como um rico recurso pedagógico que produz respostas estéticas significativas por partes dos “jogadores” ao criar uma atmosfera lúdica que propicia o ensino através de situações usuais de jogo (JUNIOR, 2014) trouxe, dentre os resultados positivos, a grande demonstração de interesse dos discentes, o que deu dinamicidade à atividade e, através de uma saudável competitividade entre os envolvidos, possibilitou maior interação entre os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da experiência relatada pelos alunos do PIBID EF no planejamento e abordagem da CO, ressaltamos a necessidade de que temas como esse sejam abordados na EF escolar, pois em conteúdos como a Corrida de Orientação podemos trabalhar as múltiplas

inteligências de Gardner (OLIVEIRA, MEDALHA, 2011) que envolvem, entre outras, capacidades cinestésicas, de noção espacial, intrapessoal e lógicas e assim, contribuir para a construção de uma cultura de movimento¹¹ mais rica nos indivíduos. Ademais, essa pesquisa se justifica dada a extrema carência que se têm de trabalhos que abordem os esportes de aventura, sobretudo o esporte de orientação, na comunidade científica e no contexto da Educação Física escolar. Salientamos também a importância de projetos como o PIBID para a formação dos futuros docentes. Através do programa pudemos adquirir experiências que só a graduação não oferece, e que terão impacto significativo na nossa construção enquanto docentes capazes de formar indivíduos críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, T. A.; RODRIGUES, G. M.. **O esporte Orientação como ferramenta pedagógica em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro**. Inter. Journ. Phys. Educ, Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAGUETE, T. M. F. (1997). **Metodologias qualitativas na sociologia**. Vozes: Petrópolis, 1997.

JUNIOR, G. C. **Burlando o círculo mágico: o esporte no bojo da gamificação**. Movimento: Revista da Escola de Educação Física, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: 7ª Edição. Atlas, 2010.

OLIVEIRA, A. C.; MEDALHA, J.. **Inteligências Múltiplas nas aulas de Educação Física escolar**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 152, Enero de 2011. <http://www.efdeportes.com/>

¹¹ Movimento humano que possui intencionalidade e reconhece as significações culturais (MENDES; NÓBREGA, 2009 apud KUNZ, 1991)

PEREIRA, Luiz. **A orientação geográfica como recurso didático.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, p. 177. 2014.